

A constituição da tendência anti-social segundo Winnicott: desafios teóricos e clínicos.

José Sterza Justo

Luis Guilherme Coelho Buchianeri

Universidade Estadual Paulista – FCL Assis

Resumo: Os autores pretendem aqui pontuar algumas contribuições de Donald Woods Winnicott, ao tema da tendência anti-social, extraído de suas teorizações, conceitos e formulações que auxiliam a compreender as disposições e percursos dos componentes psicológicos que acompanham as manifestações dos atos anti-sociais. Winnicott trabalhou durante a Segunda Grande Guerra, com crianças desalojadas do convívio familiar o que lhe permitiu adentrar as seqüelas psicológicas dessa brutal experiência de ruptura repentina do ambiente e dos laços afetivo-emocionais constitutivos das matrizes psicológicas do relacionamento com o Outro. Teve a sensibilidade suficiente para perceber que as reações das crianças à sua condição de expatriadas do berço familiar ultrapassavam a situação conjuntural da guerra, embora fosse nela que se manifestasse com maior clareza e precisão.

Palavras chaves: tendência anti-social; atos anti-sociais; Winnicott

Introdução

Embora possuindo as condições e os recursos necessários para realizar a tarefa primeira e mais essencial da existência humana – a organização do coletivo – o homem continua falhando nesse projeto ou encontrando sérias dificuldades para construir uma convivência harmoniosa e pacífica, tanto no âmbito dos micro como dos macro relacionamentos. Guerras, atentados, chacinas, assassinatos, agressões, estupros, roubo, corrupção, extorsões, tráfico, prevaricação e tantas outras práticas disseminadas pelo mundo afora denunciam as resistências aos vários modelos de associatividade e suas imperfeições.

O quadro se torna ainda mais preocupante quando constatamos que a violência e demais formas de conduta anti-social, além de se intensificarem, passam a impregnar os relacionamentos cotidianos, próximos e imediatos, esgarçando as bases do tecido social e fazendo com que a convivência passe a significar ameaça e despertar temor, mais do que proteção, confiança e potência. A presença do Outro, no universo humano, torna-se problemática e, diante da inexistência de padrões de relacionamento instintivos e herdados, o homem tem que construí-los.

O processo civilizatório ainda tem pela frente um longo caminho rumo ao aproveitamento de potencialidades humanas para a construção de uma associatividade capaz de fazer predominar sentimentos de zelo e apreço pelo coletivo, ao invés de despertar atitudes de ataque, desprezo e rechaço.

Diferentemente de muitos messiânicos de seu tempo, Freud sabiamente não anteviu um caminho fácil ou até possível, rumo à construção de um projeto coletivo de harmonia e felicidade. Não vislumbrou soluções mágicas e definitivas para os conflitos da coexistência, mesmo aquela situada no plano mais elementar da convivência humana, sendo cético ou, pelo menos, não apontando fórmulas simplistas para a solução dos conflitos entre o indivíduo e a sociedade e entre os povos.

Seu ceticismo quanto à viabilidade de o projeto civilizatório cumprir suas promessas de criação de um mundo harmonioso e provedor dos desejos humanos até agora se justifica diante da violência que grassa relacionamentos próximos e distais, micro e macro sociais.

Os conflitos bélicos insistem em não desaparecer da face do planeta, a criminalidade parece ganhar maiores proporções do que em outras épocas, a contravenção e a delinquência parecem estar sendo assimiladas pela estrutura social. Conflitos vários no cotidiano parecem sintomas de um tempo que mais distancia e torna o outro ameaçador e indesejado, do que um tempo avançado da civilização capaz de aproximar, constituir unidades associativas cada vez maiores e fazer do outro um objeto desejado e amado.

Por isso mesmo, o tema da tendência anti-social continua sendo o mais básico e desafiador para o conhecimento de todas as áreas da ciência. Evidentemente que as formas de organização da sociedade e a maneira como são subjetivadas, ou seja, a maneira como os indivíduos as apreendem, lhes dão sentidos e respondem a elas, dependem da composição de vários elementos que as constituem. Não somente a economia e a política são esteios da sociedade, como também existem tantos outros esteios derivados da produção de conhecimento e da produção cultural no seu todo.

Pretendemos aqui apenas pontuar algumas contribuições de Winnicott ao debate do assunto, extraindo de suas teorizações conceitos e formulações que auxiliam a compreender as disposições e percursos dos componentes psicológicos que acompanham as manifestações das condutas anti-sociais.

Winnicott e o tempo de violência

Seguindo a tradição de Freud, Winnicott esteve profundamente sintonizado com as frequências de seu tempo, sabendo captar e traduzir aquilo que ecoava dos principais acontecimentos do momento e do lugar em que viveu. Teve a maestria de ser um clínico de sua época, fazendo a escuta daquilo que de mais essencial da história da humanidade insistia em se expressar, nos mais trágicos acontecimentos que se mostravam ao seu olhar.

A Segunda Guerra lhe deixou, assim como para tantos outros, os recados dos problemas fundamentais que perpassaram esse período da história e que, inclusive, haveriam de continuar uma trajetória funesta, produzindo tantos outros acontecimentos problemáticos para a humanidade.

Seu contato com as mazelas da Segunda Guerra lhe possibilitou mergulhar incisivamente no âmago dos problemas dessa época e, sobretudo, percebê-los como manifestações de fulcros psicológicos profundos da associatividade humana construída sobre os mais tenros e primevos vínculos afetivo-emocionais. A experiência da guerra o colocou diante dos mais inefáveis impulsos do homem dirigidos contra seus semelhantes. Junto aos destroços das edificações, vieram a ele os destroços do ambiente familiar que afetaram um contingente enorme de crianças desabrigadas e arrancadas de seus lares, completamente destruídos. Seu trabalho com crianças desalojadas do convívio familiar lhe permitiu adentrar as seqüelas psicológicas dessa brutal experiência de ruptura repentina do ambiente e dos laços afetivo-emocionais constitutivos das matrizes psicológicas do relacionamento com o Outro. Teve a sensibilidade suficiente para perceber que as reações das crianças à sua condição de expatriadas do berço familiar ultrapassavam a situação conjuntural da guerra, embora fosse nela que se manifestasse com maior clareza e precisão. Soube também considerar o impacto do ambiente sobre a subjetividade nas dramáticas vivências de rupturas profundas e dilacerações das referências psicológicas básicas do sujeito.

Essencialmente, a genialidade de Winnicott se revelou na sua perspicácia em apanhar aquilo que fundamentalmente atravessava seu tempo e que não terminaria ali. Conseguiu reconhecer, nos sofrimentos impostos pela guerra, seqüelas da insolúvel equação do indivíduo com a sociedade, do Eu com o Outro, do sujeito com seu ambiente. Embora a contragosto, debruçou-se sobre as manifestações várias das tendências anti-sociais. Dentro de sua especialidade, não se deteve no esforço de tentar compreender as matrizes e a gênese psicológica das dificuldades e conflitos estabelecidos justamente naquilo que, a despeito de ser trivial e realizado automaticamente pelos demais animais, se coloca como o maior desafio para a humanidade: produzir formas de convivência e criar ambiências capazes de conjugar ações, desejos e aspirações.

A tendência anti-social

O conceito de tendência anti-social, para Donald W. Winnicott, não foi formulado para designar um diagnóstico clínico, mas sim um *continuum* de comportamentos e atitudes que, em maior ou menor grau, todos os indivíduos podem apresentar, em determinadas situações de vida. Reflete uma demonstração de esperança em recuperar uma experiência de maternagem que foi positiva e que foi perdida (*deprivation*), no período de dependência relativa.

É uma contribuição original que Donald W. Winnicott trouxe para psicanálise, a partir de seu trabalho durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos de 1940 e 1945, quando desempenhou a função de Consultor Psiquiátrico. Trabalhando com crianças evacuadas e separadas precocemente dos pais nos arredores de Londres, esteve frente a frente com angústias infantis graves, decorrentes das perdas inerentes à situação de catástrofe, destruição e morte. A partir de então foi aprofundando sua compreensão sobre a importância de um ambiente facilitador e de uma mãe suficientemente boa (*good-enough*), presente e confiável, passando a visualizar a tendência anti-social e a delinquência como uma reação a falhas ambientais vivenciadas precocemente pela criança.

A tendência anti-social pode iniciar-se com sintomas que, via de regra, são considerados normais ou inerentes ao desenvolvimento infantil pelos pais e cuidadores, como a enurese noturna, a hiperatividade, os transtornos alimentares, podendo evoluir para mentiras, furtos e em alguns casos – quando não há uma intervenção no momento adequado – pode derivar para condutas anti-sociais graves.

Há um momento no processo de desenvolvimento em que a criança é tipicamente avessa às regras e preceitos morais. É notório como a criança, por volta dos dois anos de idade, se apresenta com traços de profundo egoísmo e de resistência às exigências do meio. É o período no qual a luta pela autonomia e conquista da independência acabam, inevitavelmente, por colocar a criança, agora investida de um poderoso sentimento de onipotência, em atrito e confronto com o meio, com os adultos e com as exigências educacionais primordialmente veiculadas pela imposição a ela do controle dos esfíncteres. Nessa fase, a criança se porta como uma contraventora que busca sua autoafirmação no confronto com as regras e normas de conduta estabelecidas. A desobediência e as constantes negativas da criança diante de solicitações e recomendações dos adultos demonstra bem essa oposição que se estabelece entre ela e o outro, entre ela e o mundo adulto.

Os relacionamentos com outras crianças também são marcados por essa dificuldade em assimilar o outro no espaço pessoal e submeter-se a regras de convivência social. Recém-saída do colo da mãe e convencida de sua força, poder e capacidade de auto-comando, a criança agora é invadida pela crença de que é capaz de dominar o mundo e impor sua vontade ao outro. O sadismo aflorado nessa fase é um importante coadjuvante de toda essa ojeriza pelas regras e dificuldades em assimilar pautas de conduta e reconhecer o outro como sujeito e não simplesmente como objeto de uso e de gozo.

Tal embate, no entanto, é necessário ao processo de desenvolvimento psicológico e é uma desejável consequência das incursões e explorações do ambiente, cada vez mais

ousadas, que a criança começa a fazer tão logo vence o período de profunda dependência volitiva e executiva da fase anterior, a fase oral. Quanto mais explora o mundo mais se confronta com ele. Dos embates vão saindo as descobertas dos limites, os ajustes, as adequações e, sobretudo, o reconhecimento das renúncias necessárias para conviver com o outro, embora a renúncia maior e paradigmática, aquela que será feita não em prol de um outro objeto do desejo, mas de um terceiro, sedimentar-se-á um pouco mais tarde durante a constelação edípica.

No entanto, a intensidade do embate com o mundo, das transgressões, do sadismo e da resistência aos ditames da vida social, enfim, a “anti-sociabilidade”, nessa fase, dependerá das construções primeiras do vínculo com mundo, com a realidade, por meio da figura materna, realizadas na fase anterior. Afinal, as primeiras “concepções” de mundo, os primeiros sentimentos em relação ao outro vão se forjando a cada contato, a cada experiência de objetivação e subjetivação, desde o nascimento, enquanto o bebê vai superando a simbiose com a figura materna e se reconhecendo como algo separado dos demais objetos do mundo e dependente deles. A qualidade do contato com a figura materna influenciará fortemente as imagens e as idéias sobre o mundo externo que serão criadas e sedimentadas na estrutura psíquica. A predominância de representações de mundo como fonte de frustração, sofrimento e hostilidade potencializará ações e atitudes mais ríspidas e conflitivas quando a criança começar a interagir com maior independência volitiva e executiva.

Winnicott vai buscar nos contatos primordiais da criança com o mundo, intermediados pela figura materna, a gênese da tendência anti-social.

A falha ambiental

Para Winnicott (1988) se o ambiente que deveria ser suficientemente bom, com uma provisão ambiental adequada, apresentar falhas importantes, pode conduzir a um estado de privação ou a um estado de deprivação¹, dependendo do estágio de desenvolvimento emocional em que a criança se encontre.

A tendência anti-social está relacionada com a deprivação e com o estágio de dependência relativa. Os quadros mais graves, como as psicoses infantis, estão relacionados com privação. A privação apresenta um aspecto diferente da deprivação. Diz respeito a falhas em um estágio mais precoce de desenvolvimento; na fase de dependência absoluta de cuidados maternos, na qual a criança jamais teve a experiência de um ambiente facilitador e de uma boa provisão ambiental.

Winnicott (1988) relata que o bebê sozinho não existe. Existe apenas um potencial de *self* herdado, uma tendência inata de maturação, de desenvolvimento. Ele está fundido fisicamente e emocionalmente com sua mãe, a “mãe ambiente”. O ego frágil do bebê é amparado pelo ego materno, pelo elemento feminino puro, pelo *holding* que

¹Não há na língua portuguesa um termo correspondente a palavra inglesa *deprivation*. Optamos por traduzi-la como deprivação, seguindo a orientação de José Ottoni Outeiral, escritor e tradutor de livros e textos de Winnicott.

possibilita a continuidade do ser (*going on being*) e o desenvolvimento desse potencial herdado.

Na deprivação ocorre a perda de algo bom que havia sido positivo na experiência da criança e que lhe foi retirado, no período de dependência relativa. Nessa fase, já há uma percepção da mãe, da “mãe objeto”, uma noção de estar sendo cuidada, uma certa discriminação entre o “eu e o não-eu”. Essa retirada é uma falha ambiental que se estende por um período de tempo maior do que aquele durante o qual a criança consegue manter viva a recordação da experiência, ou seja, a memória inconsciente com a manutenção da imago materna.

Na base da tendência anti-social, está uma experiência de cuidados maternos iniciais boa que, no entanto, foi perdida em algum momento de seu desenvolvimento. O reconhecimento da perda de uma condição satisfatória de proteção, segurança e correspondência entre o “Eu” e o mundo (outros) é a característica essencial da tendência anti-social. Isso significa que é necessário o bebê ter atingido um estado de maturidade do ego tal, que lhe permita perceber que a causa de seu sofrimento não é interna, e sim externa, e está localizada no fracasso ambiental. Essa percepção o impulsiona a buscar uma cura, por meio da provisão ambiental.

Winnicott (1988) postulou dois conceitos para caracterizar a situação da criança imatura: a existência de duas mães – uma é a “mãe ambiente”; e a outra a “mãe objeto”. A idéia de “mãe ambiente” é de uma figura materna com todas as suas representações sociais, isto é, além da mãe propriamente dita, fazem parte também dessa representação o pai, a família, a sociedade, enfim, o ambiente de uma maneira geral. Essa mãe está presente já nas primeiras horas de vida e é a responsável por assegurar ao bebê uma existência pacífica com seu mundo interno. Considera que nessa etapa há uma dependência absoluta do bebê com a mãe ambiente. O ego materno é o próprio ego do bebê que se apresenta indiferenciado, não havendo, portanto, o reconhecimento da distinção entre o “eu” e o “não-eu”. Há uma relação de objeto em que a mãe não existe como pessoa e faz parte das projeções do bebê atendendo às demandas pulsionais do id. Por intermédio de uma maternagem adequada (*holding*), o bebê pode expressar sua agressividade sem o sentimento de culpa, favorecendo o desenvolvimento de um potencial de ego herdado.

Se ocorrerem perturbações fundamentais de adaptação nesse estágio primitivo do desenvolvimento emocional, formam-se lacunas no processo de integração, impossibilitando a fixação de uma imago materna e a introjeção de um objeto interno bom. Ansiedades primitivas aparecerão, tais como as ansiedades de aniquilamento, as ansiedades impensáveis, podendo provocar paralisações no processo de desenvolvimento emocional, e deflagrar reações adversas do bebê ao ambiente. Para Winnicott, a privação com a conseqüente reação do bebê, poderão ser fatores determinantes para evolução de quadros patológicos graves como as distorções da personalidade e as psicoses infantis.

A “mãe objeto” começa a surgir para o bebê com as reiteradas e inevitáveis experiências de frustração provocadas pelas recusas e impossibilidades de a mãe corresponder inteira e completamente aos desejos da criança. A intervenção da função paterna radicalizará o rompimento da relação de objeto inicialmente construída, da “bolha simbiótica” mãe-bebê, do narcisismo primário. É o período de integração egóica e do uso do objeto, da relação dual, que permite satisfazer as demandas do ego do bebê.

Inicia-se nessa fase o aparecimento do simbólico e da constância objetal. A mãe objeto é a mãe real, que tanto se presta à realização de desejos, como também desaponta e fracassa, realizando assim a apresentação do mundo externo ao bebê.

Quando as duas mães se unem e se integram na mente do bebê, ele experimenta a ambivalência. Há o sentimento de amor e de ódio, com pulsões eróticas e destrutivas dirigidas ao mesmo objeto, surgindo o sentimento de culpa e a conseqüente necessidade de reparação. Começa a fase que Winnicott chamou de preocupação. Para ele, a não sobrevivência da mãe objeto ou o fracasso da mãe ambiente em propiciar uma oportunidade confiável para a reparação leva a uma inadequada elaboração do sentimento de culpa, produzindo angústias e defesas cruas, tais como clivagem, desintegração e desfusão dos impulsos agressivos e eróticos.

As raízes da agressão

A fusão para Freud (1915/1997) designa uma junção das pulsões de vida e de morte, pulsões sexuais e agressivas, em graus variados, num mesmo objeto. Segundo Winnicott (1988), a época de deprivação se insere no período em que o ego do bebê está em processo de conquista da fusão da raiz libidinal e da raiz agressiva (ou motilidade) do id. A fusão é de extrema relevância e é nesta experiência que a criança é impulsionada a se relacionar com objetos cada vez menos fenômenos subjetivos e cada vez mais elementos “não-eu”, objetivamente percebidos.

Na desfusão ou fusão que não se realizou, há o funcionamento separado das pulsões, cada uma procurando atingir seu objetivo de forma independente na relação com o mesmo objeto. Para Freud (1920/2002) a pulsão agressiva, pode ser definida como a pulsão de morte voltada para o mundo exterior. A agressividade por meio de uma atividade motora rompe os laços com a sexualidade, causando a desagregação, a desunião, a fragmentação, procurando retornar a um estado anterior já conhecido, o retorno ao inanimado.

Toda atividade, toda ação, tem um potencial para desagregar e destruir o estado já estabelecido anteriormente. Pela pulsão de vida, há uma reorganização. A pulsão de vida busca a fusão, a união, o curativo, a agregação. É paradoxal, mas é precisamente o confronto entre forças operando no sentido da agregação e da desagregação, da organização e da desorganização, que impulsiona e comporta a vida. Trata-se de uma relação dialética na qual os contrários interagem como parte de uma mesma unidade e, portanto, como interdependentes. Vida e morte caminham juntas, irmanadas pela negatividade, pela mútua negação de uma em relação à outra que, no entanto, permite a elas coexistirem num processo constante de busca de sínteses.

As funções materna e paterna são imprescindíveis para a potencialização das expressões das pulsões de vida e morte e para a destinação desse eterno e primordial conflito. A figura materna é a representante do instinto de vida para o bebê, ela é agregadora. Em contrapartida, a função paterna é desequilibradora, rompendo laços simbióticos e apresentando o mundo real à criança.

Enquanto força ligada à motilidade, a agressividade pode fazer parcerias com a pulsão de vida, buscando remover obstáculos que se interpõem nos caminhos de acesso

aos objetos. Freud (1915/1997) afirma que o ódio não é exatamente o oposto ao amor, mas sim que o verdadeiro negativo de ambos é a indiferença. Assim, tanto amor como ódio estabelecem, cada um a seu modo, vinculações intensas com o objeto. Desse modo, tanto um como outro demandam a busca do objeto, mas por ações e caminhos diferentes.

No período em que o ego do bebê está no processo de conquista da fusão da raiz libidinal e da raiz agressiva do id, a função paterna é extremamente relevante. É necessário que ele encontre a oposição do ambiente, a interdição paterna, a autoridade, os limites, o elemento masculino puro, o “fazer”, que apresentará o princípio da realidade favorecendo a fusão dos instintos. A descoberta da autonomia do objeto promove a quebra do narcisismo primário e coloca o sujeito diante do poder paterno.

A deprivação denuncia uma função paterna frágil, incapaz de romper a simbiose mãe-criança e abrir caminhos para busca de outros objetos, fragilidade essa que propicia a desfusão das pulsões impulsionam a procura retroativa, mediante atos anti-sociais, da fusão perdida entre a pulsão libidinal e agressiva. Nesses casos o ato anti-social indica esperança. A busca do objeto (a pulsão libidinal), que se substancializa por intermédio do roubo, da mentira e da agressão são atos anti-sociais que procuram a repetição de uma boa experiência vivida anteriormente e o reencontro dos vínculos sociais.

A tendência anti-social:

Winnicott (1987/2002) refere-se ao sentimento reativo de deprivação como uma regressão a estágios iniciais do desenvolvimento psíquico, no qual as defesas do ego desmoronam e a criança passa a reviver ansiedades impensáveis, de confusão, de desintegração da personalidade e de aniquilamento (*breakdown*). Ocorre uma desorientação completa que resulta numa reorganização gradual de defesas mais primitivas visando a atingir um estágio razoavelmente neutro. Nessa fase, não há sintomas, pois predomina um sentimento de resignação e indiferença.

Com o tempo pode surgir a esperança e, junto, um impulso para a busca da provisão ambiental que recebeu antes do estado de deprivação e que possibilite anular o medo da ansiedade impensável e da confusão estabelecida. Toda vez que as condições fornecem um certo grau de novas esperanças, a criança começa a realizar atos anti-sociais e a tendência anti-social transforma-se em uma característica clínica.

Se não houver uma intervenção adequada no momento da deprivação e da esperança o gesto torna-se cada vez mais angustiado, destrutivo e violento. A agressividade nesses casos tem a intencionalidade de destruir. Aparece, então a delinquência, que implica uma defesa anti-social mais organizada e sobrecarregada de ganhos secundários. Tais crianças estão constantemente e inconscientemente exigindo a cura pela provisão ambiental, mas são incapazes de utilizá-la. Nessas situações o ato anti-social visa a resgatar a mãe provedora perdida pelos sintomas nos quais ele vive maniacamente a fantasia do controle e domínio absoluto. Ele estaria tentando inconscientemente e de forma defensiva e atuadora quebrar todas as barreiras e superar quaisquer obstáculos para reaver o paraíso perdido. É um ato de apropriação à força do objeto primário, travestido pelos substitutos: ganho do controle, do poder, do dinheiro,

da respeitabilidade. Um ato de anulação de qualquer reconhecimento da função paterna interditora – da lei.

Os primeiros sinais de tendência anti-social aparecem já na primeira infância a partir de atos compulsivos e exagerados que começam a incomodar e mobilizar a mãe e o ambiente. É o caso da enurese noturna e da hiperatividade as quais impulsionam a mãe a oferecer maiores cuidados e a permanecer mais próxima. Os distúrbios alimentares como a voracidade (bulimia) e inibição do apetite (anorexia), são considerados também como atos anti-sociais iniciais que buscam uma terapia da privação no meio ambiente.

Winnicott (1987/2002) salienta dois aspectos que se relacionam entre si na tendência anti-social: o primeiro é a interação da criança com a figura materna e que está vinculada ao roubo e à mentira, e o segundo aspecto é a interação com a figura paterna, que está vinculada à destrutividade.

No roubo, a criança busca alguma coisa em algum lugar; e, quando não a encontra procura em outro lugar se ainda conserva esperança. É a tentativa de reaver o cuidado perdido. Procura uma mãe sobre a qual ela julga que tem direito. Tais supostos direitos têm origem no fato de a mãe ter sido idealizada pela criança, tornando-se dessa maneira o objeto que estava preparada para encontrar. O ato de roubar encontra-se no centro da tendência anti-social, com a mentira associada a ele. Não é o objeto que a criança estava procurando, mas estava procurando a capacidade de encontrar. Não é apenas o objeto que está em jogo, porém também a forma de obtê-lo.

Como se pode observar mais claramente na cleptomania, o que importa não é a simples obtenção do objeto visado, mas o modo de obtê-lo – e esse modo será o da *apropriação*. O gozo do cleptomaníaco está em obter o objeto *ativamente*, vencendo as pressupostas resistências do outro ou do ambiente, melhor ainda se for de forma sorrateira, às escondidas e à revelia da lei. O objeto propriamente dito pode até ser em si mesmo insignificante, como um copo de bar ou uma bala, mas a apropriação indébita garantirá o gozo. Trata-se do imperativo da polaridade ativa colocada a serviço da demanda de apropriação. O prazer está em roubar, mais do que em usufruir do objeto do roubo. É claro que facilmente os ganhos secundários tornam o cleptomaníaco seletivo, passando a visar objetos mais valiosos e funcionais.

O acento da polaridade ativa na tendência anti-social, expressa pelo roubo, se presta também à realização da fantasia de vencer o oponente, superar os obstáculos, quebrar a pressuposta resistência do mundo em ofertar generosamente aquilo que o sujeito demanda. A fantasia básica é a de que o mundo frustra, resiste, opõe-se e, por isso mesmo, precisa ser enfrentado, desafiado e solapado nas bases de sua avareza e parcimônia. Por conseguinte, o objetivo da ação de cunho cleptomaníaco, em última instância, é protestar contra a mãe-ambiente frustradora, parcimoniosa que outrora foi ou poderia ter sido dadivosa.

Em sua adaptação às necessidades da criança, a mãe (função materna) capacita a criança a encontrar os objetos de modo criativo, empregando a emoção na busca do conhecimento. Quando isso falha, a criança perde o contato com os objetos, perde a capacidade de encontrar qualquer coisa criativamente e o roubo passa a ser um ato compulsivo que aparece no momento de esperança.

Na destrutividade, a criança busca a quantidade de estabilidade ambiental que poderá suportar a tensão resultante de um comportamento agressivo. O indivíduo provoca reações ambientais, procurando um sistema cada vez mais amplo que se inicia no corpo da mãe e se expande para a relação parental, para a família, para a escola, para a localidade em que vive, e para o país.

A agressão para Winnicott (1988) coexiste com o amor, sem necessariamente portar uma intenção de destruição. Nada tem a ver com o ódio, é parte do amor primitivo. No começo da vida a agressividade é equiparada ao movimento corporal que impulsiona a busca do objeto e o estabelecimento de um mundo interno e um mundo externo, do eu e não eu.

Por intermédio de um ambiente suficientemente bom, a criança pode exercer sua agressividade sem punição nem culpa, integrando impulsos eróticos com impulsos destrutivos. O resultado dessa integração é a percepção de suas idéias destrutivas em relação ao objeto e a busca de uma reparação e de uma proteção dos objetos valorizados. Para ocorrer isso, a criança necessita de um ambiente que, em certos aspectos, seja indestrutível (função paterna). O brincar e o uso de símbolos são um modo de conter a destrutividade interna.

Quando ocorre uma privação, acontece uma desorganização mental dessa criança. Suas idéias e seus impulsos agressivos perdem sua espontaneidade e a ansiedade torna-se tão grande que o ato de experimentar sua agressividade acaba sendo impossível, entrando num estado de resignação. Nesse caso, a tendência anti-social faz com que o menino sinta alguma esperança de retorno à segurança, exercendo a sua agressividade. Nessa situação o ato anti-social nessa situação, não é o roubo, e sim a explosão da agressão. Essa agressão deseja encontrar uma autoridade paterna que imponha limites à sua conduta impulsiva, podendo então recuperar o sentimento de segurança, seus impulsos amorosos primitivos, seu sentimento de culpa e seu desejo de reparação.

A tendência anti-social e a delinquência

Winnicott (1988) estabelece diferenças entre tendência anti-social e delinquência, apesar de ambas terem a privação em sua gênese. Na tendência anti-social, o aspecto mais relevante é que o ato anti-social visa um ganho primário: resgatar o que foi retirado. É uma viagem “em busca do objeto perdido”.

A delinquência por sua vez, implica uma defesa anti-social mais organizada e sobrecarregada de ganhos secundários. O ganho primário, isto é, a busca da maternagem, deixa de ser relevante, perde-se o vínculo com o objeto e conseqüentemente a culpa passa a ser imputada ao ambiente. O ambiente lhe deve e o que importa são os benefícios do delito.

Apesar de a delinquência partir da mesma base da tendência anti-social, ela difere nas condutas que gera, nas relações. Não é apenas reaver o objeto perdido, é também o

domínio, o poder sobre uma experiência anterior reeditada, por meio do ato repetitivo. Não há elaboração e sim a repetição compulsiva. Não há aprendizagem ou modificação da conduta com a experiência. Segundo Júlio de Mello Filho², não é somente na tendência anti-social que há esperança; na delinquência também há, mas as maneiras de agir são perversas, psicopáticas.

Enquanto Freud (1916/1997) enfatiza na delinquência seu enraizamento no sentimento de culpa e na negação da castração, relacionados às perversões, Winnicott (1987/2002) acentua seu enraizamento num desenvolvimento emocional anterior, na relação dual mãe-bebê. Para ele, as perversões são estruturadas na transicionalidade e representam uma de suas patologias da transicionalidade.

A tendência anti-social manifesta, sobretudo, a esperança de recuperar o vínculo perdido na transição do relacionamento simbiótico com a mãe para os relacionamentos com um mundo mais ampliado e complexo, habitado por outras díades. Ao invés de o mundo ser tomado como um prolongamento e extensão vantajosa do provimento materno é tomado como usurpador dessa fonte provisional, impondo a escassez e o sofrimento. Dominadas por essa crença, as crianças estão constantemente e inconscientemente exigindo a cura pela provisão ambiental, mas são incapazes de utilizá-la. Ao responsabilizar o ambiente como causa de seus sofrimentos, atuam, agridem, na tentativa de reaverem o que acreditam lhes terem sido tirado. Na delinquência já não há tanta esperança e conseqüentemente, a atuação no ambiente se torna mais cristalizada, vingativa e autóctone.

Outeiral (1998) relaciona a palavra delinquência com sua origem etimológica: *link* = elo, ligação. “*De-linkare*” – perda da ligação, perda do contato com o sentimento da perda original sendo que o modo de vida anti-social relega o sofrimento psíquico.

No ato anti-social do delinquente, o benefício secundário passa a ser fundamental e, não objetiva mais resgatar a mãe perdida, e sim o ganho do controle, do poder, do dinheiro, da respeitabilidade; tornando a abordagem e a intervenção cada vez mais difícil.

Uma possível abordagem:

Winnicott (1988) aventa a possibilidade de uma “reparação materna”. Seria uma nova oportunidade para a mãe tentar atenuar o dano causado pela falha ambiental que levou a um quadro de tendência anti-social, mas ressalta que, por mais que a mãe faça, sua atuação posterior não anula a falha inicial de adaptação às necessidades do ego do bebê e não considera esse sentimento de reparação um amor materno.

Para Winnicott (1988), o tratamento não é o da terapia psicanalítica clássica, mas o manejo do afeto, que significa ir ao encontro do momento de esperança e corresponder a ele. “Não é a psicanálise, é a provisão de cuidados que podem ser

² Palestra proferida no III Encontro Brasileiro de Grupos de Winnicott, Rio de Janeiro, 2005

redescobertos pela criança, no interior dos quais a criança pode fazer suas experiências com impulsos do id em uma estrutura de relação egóica” (Winnicott, 1988, p.511).

A criança e o adolescente não são inertes e seus comportamentos se modificam de acordo com as práticas culturais de uma sociedade, de sorte que a maioria daqueles que apresentam comportamentos anti-sociais é suscetível de receber ajuda terapêutica. Apesar de se tratar de um assunto extremamente atual, são poucos os profissionais dispostos a investir no tratamento, pois na situação terapêutica esses jovens resistem às mudanças de seu padrão de conduta instituído e da economia psíquica subjacente a ele. Tendem a atuar, mentir, enganar e agir de forma irresponsável.

O trabalho geralmente requer um enfoque transdisciplinar, um exercício multiprofissional, o que não é muito fácil, já que a atuação do adolescente provoca instabilidade na equipe, impedindo que funcione adequadamente.

É vital para o tratamento entender que o ato anti-social implica esperança. A tarefa do terapeuta é deixar-se envolver com este impulso inconsciente e seu trabalho é feito em termos de manejo de um *setting* capaz de suportar as atuações típicas da conduta anti-social. Isso significa a possibilidade do terapeuta criar um espaço transicional, em que, o enfoque principal é suprir necessidades típicas do processo primário com tolerância, compreensão e sobrevivência; antes de qualquer incursão mais profunda nas tramas do inconsciente. A punição desproporcional leva à submissão e à resignação e ao desenvolvimento de um falso *self* adaptativo.

Trabalhar com a criança que apresenta comportamentos anti-sociais é suportar o enfrentamento dos problemas emergentes na atualidade que, acompanhando a lógica desse tempo, apresentam uma constituição complexa e mutante, dificultando o uso de estratégias fixas baseadas em conhecimentos plenamente estabelecidos. As condutas anti-sociais parecem sintoma de um tempo que, à semelhança desses esperançosos sujeitos que buscam a figura da mãe dadivosa, denuncia uma condição geral de sofrimento e frustração e procura reaver uma sociabilidade solidária, provedora, segura e sustentável. Também à semelhança do sujeito desiludido com a imago de uma mãe idealizada, nosso tempo parece cada vez mais se distanciar das promessas de um mundo melhor e acolhedor favorecendo, com isso, a corrosão dos laços sociais.

Mais do que as resistências do paciente na psicoterapia, advindas de suas experiências primitivas pessoais com o meio que o renegou, o desafio maior para o terapeuta advêm das dificuldades de poder ver seus vínculos diferenciados e transformadores, criados com o paciente, serem transpostos e expandidos para outras relações. A ambiência criada na terapia esbarra nas outras ambiências mundanas fortemente marcadas pelo clima atual de desamparo, insegurança, hostilidade e individualismo. Não se trata apenas de tentar desfazer, modificar ou retificar, no espaço estrito da relação psicoterapêutica, imagos de um ambiente hostil, veiculadas pela figura materna, mas de abrir outras oportunidades semelhantes no cotidiano e para isso a sociedade e a cultura teriam que se modificar substancialmente.

Entretanto, enquanto mudanças mais amplas e profundas não ocorrem é possível, no âmbito da psicoterapia, pelo menos romper elos da cadeia de repetição que fazem reaparecer no presente as antigas frustrações e sofrimentos, tornando o ato anti-social uma atitude compulsiva.

Justo, J. S., Buchianeri, L. G. C. (2010) The constitution of anti social tendency according to Winnicott: theoretical and clinic challenge. *Revista de Psicologia da UNESP* 9(2), 115-127.

Abstract: *The authors intend, here, to detach some contributions of Donald Woods Winnicott, to the anti social subject, drawing from his theory, concepts and formulations that help to understand the dispositions and ways of psychological components which come along with the manifestations of anti social acts. Winnicott worked during the Second World War with removed children from their family co-habiting which allowed him to get in the psychological harm of this hard experience of sudden rupture from the environment and from the emotional and affective bonds constituted in the psychological sources of the relationship with other. He had enough sensibility to realize that children's reactions to their condition of banished from the family co-habiting surpassed the situation of war.*

Key words: *anti social tendency; anti social acts; Winnicott*

Referências bibliográficas

- Freud,S.(1997). Criminosos em consequência de um sentimento de culpa. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud,S.(1997). Os instintos e suas vicissitudes. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol.XIV). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud,S.(1997). Além do princípio do prazer. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- Outeiral, J..(1998). Distúrbios de conduta na adolescência. *Clínica Psicanalítica de Crianças e Adolescentes - Desenvolvimento, Psicopatologia e Tratamento*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Winnicott, D. W. (1988). *Da Pediatria a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Winnicott, D. W. (1987/2002). *Privação e Delinquência*. São Paulo: Martins Fontes

Recebido: 19 de novembro de 2009.

Aprovado: 24 de outubro de 2010.